

O DNA DA ALMA BRASILEIRA*

****Professor do Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências da Religião PUC/SP e do Centro Universitário Assunção (UNIFAI)**

Ênio José da Costa Brito**

Resumo:

O a. apresenta alguns elementos, de forma sintética, que julga devam ser considerados se quisermos caracterizar os traços centrais da alma brasileira. Tendo isto em mente, ele lança mão de elementos de uma leitura da história do Brasil trabalhando com várias abordagens — sociológicas, psicológicas e etnográficas — para poder assim recuperar as diversas raízes da frondosa árvore que vive atualmente mas ainda não se compreende em toda a sua profundidade.

Chaves:

Brasil: história, Brasil: formação populacional; História do Brasil.

INTRODUÇÃO

Entre as muitas pesquisas feitas em 1999 e publicadas nos jornais, uma, particularmente, chamou minha atenção. Pesquisa realizada entre importantes cientistas sociais (o número de entrevistados (as) oscila entre 50 a 60). A pergunta a ser respondida era a seguinte: *Quais os maiores livros brasileiros do século 20?*

As cinco obras mais citadas foram, pela ordem, *Formação Econômica do Brasil* (1954), de Celso Furtado; *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mocambos* (1936), de Gilberto Freyre; *Os Donos do Poder* (1958), de Raymundo Faoro; e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda.

O resultado indicou obras clássicas que causaram enorme impacto no momento de sua publicação, pois, com mais ou menos lucidez teórica, riqueza de detalhes, ou simpatia por

*Conferência realizada no Seminário Interinstitucional do Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências da Religião PUC/SP, no dia 18 de outubro de 2001.

uma outra formação social construíram respostas originais para questões que vinham sendo repetidas ao longo de nossa história — questões referentes à nossa identidade mestiça, à pobreza material e à exclusão social.

A leitura diacrônica dessa preferência pode ser enriquecida com uma leitura sincrônica. As obras escolhidas têm o Brasil por objeto, um Brasil que só é entendido ao ser inscrito no tempo. É plausível inferir que a escolha de livros com esses perfis, deixa transparecer um desejo: o de retomar a reflexão sobre o país tendo por base perfis razoavelmente assentados no tempo, que se inscreveram em nossa maneira de ser e de nos conceber.¹

O Seminário de hoje, *O DNA da Alma Brasileira* se insere nesse fluxo ao tentar oferecer subsídios (ainda que germinais) para superarmos nossa incapacidade de simbolizar-nos no tempo. Incapacidade ameaçadora, uma vez que a falta de sentido ao existir individual e coletivo pode efetivar a ameaça de desintegração do próprio existir.

Apresento essa brevíssima comunicação em dois momentos: o primeiro de recontextualização e historização, mais sombrio, quer lembrar lacunas; o segundo de construção, mais solar, mais propositivo aponta para alguns princípios norteadores (ou pressupostos hermenêuticos) para uma possível busca de integração individual e coletiva. Uma breve informação conceitual precederá esses dois momentos.

DECIFRANDO O TÍTULO: DNA

O ácido desoxirribonucléico (DNA, do inglês) é uma longa molécula-código que se encontra na base de dois processos fundamentais da vida, reprodução e metabolismo — ou seja, a manutenção das espécies e do indivíduo.

Só para lembrar: o núcleo das células humanas contém 46 cromossomos. Os cromossomos são formados por fibras de cromatina. As fibras de cromatina são constituídas de um conjunto de histonas e DNA. As histonas são proteínas nas quais o DNA está enrolado. O DNA é composto de bases nitrogenadas que são as *letras* do código genético. Cada três letras formam um códon, espécie de sílaba, que é associada a um determinado aminoácido. Vários códons formam um gene que corresponde a uma palavra.²

Numa linguagem menos técnica, o DNA está no núcleo da célula organizado em 23 pares de cromossomos, filamentos muito finos responsáveis pela transmissão das características hereditárias, ou seja, as características que são passadas dos

1 Cf. M. FLORENTINO, Olhar o Brasil. Em FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de Janeiro de 2000, p. 3(1).

2 Cf. Genoma, Em FOLHA DE SÃO PAULO — ESPECIAL, 27 de junho de 2000, p. 4-5.

pais para filhos, características não só físicas como também as psíquicas.

O DNA é como uma biblioteca cheia de informações sobre a constituição de uma pessoa (altura, cor dos olhos e formato do nariz) tem o formato de uma escada em caracol.

No entanto, não se pode esquecer que não está tudo escrito lá no núcleo da célula. Importante, lembrar, que são as experiências vividas, os pensamentos e as memórias que fazem de uma pessoa o que ela é. E isso depende do que acontece com ela durante a vida, não depende apenas do DNA.

ALMA

Do latim, anima, sopro vital, é um dos princípios do composto humano. Princípio de sensibilidade, do pensamento e da ação que faz do corpo vivo algo distinto da matéria inerte ou de uma máquina.

A alma é uma dimensão da pessoa humana que a torna capaz de conhecer de maneira ilimitada percebendo o sentido da realidade, capaz de um conhecimento reflexo, de autopossuir-se com liberdade e responsabilidade, de se abrir aos outros seres pessoais (especialmente a Deus) no diálogo e no amor bem como ao mundo da natureza para transformá-lo em mundo humano pela cultura genuína.

Uma visão antropológica correta, não reducionista da complexidade do ser humano deverá sublinhar decididamente a unidade fundamental do ser humano, respeitando, contudo, as diferenças existentes entre suas dimensões constitutivas.³

3 Cf. A. G. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*. São Paulo, Edições Paulinas, 1989, p. 281. No vocabulário contemporâneo da filosofia só se emprega o termo *espírito*.

BRASILEIRA(O)

O adjetivo brasileira (o) convida-nos a suspeitar do título do Seminário, daí, a necessidade de compreender bem o seu uso, uma vez que seu significado é do conhecimento geral.

Quando é usado para tentar definir um modelo ou uma essência ou para validar o caráter e a autenticidade de uma identidade, instaura uma prática normativa das mais restritivas.

A identidade de uma pessoa, de um país não pode se reduzir ao reconhecimento do que já se definiu como característico daquele país, ou daquela pessoa. Um exemplo, no campo da música, ajuda-nos a compreender melhor o que acabamos de afirmar:

Não se pode dizer que as escolas de samba fossem fenômenos puros, mas se criou em torno delas uma aparato que defende essa pureza, condenando toda a modificação introdu-

zida no samba. Paulinho da Viola (de quem sou fã) gravou, em 1975, uma música de sua autoria que dizia:

*Tá legal. Eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo falta
De um cavaco, de um pandeiro
Ou de um tamborim.*

Poderíamos perguntar. Quanto é *tanto assim*? O que não pode ser alterado? Quem define o verdadeiro ritmo do Samba?⁴

Essa simples decodificação do título mostra o quanto ele é desafiador, o quanto esconde e as múltiplas possibilidades sob as quais é possível tratá-lo.

4 Cf. H. VIANA, *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1995, p. 123.

A FISIONOMIA BRASILEIRA COMO HERANÇA COLONIAL

A profundidade extraordinária do impacto da colonização portuguesa (e espanhola) no hemisfério ocidental foi de tal ordem que a construção pós-colonial das nações tornou-se um *caso intrinsecamente incestuoso*, na forte expressão de Kenneth Maxwell.⁵

O Brasil foi de fato um *Novo mundo nos trópicos* como afirma Gilberto Freyre. Uma sociedade de colonizadores se enraizou no Novo Mundo de tal modo que a população — fosse ela européia, africana ou nativa — era segregada novamente com facilidade

Diante da força desse fato, precisamos recontextualizar o impacto da colonização para entendermos a atualidade da *persistência colonial* tão atuante em nosso presente.⁶ No entanto, esse impacto, só será percebido se procurarmos entender o Brasil com e para além de suas máscaras portuguesas e cristãs, e ainda colocando-o no seu contexto, a América Latina, com a qual não se identifica integralmente; mas participa daquela mesma comunidade de origem ibérica, com traços religiosos comuns, além de estilos políticos e de insucessos equívales no árduo caminho da modernidade política, ética e econômica.

Alfredo Bosi, no seu belo livro *Dialética da Colonização*, oferece-nos uma importante distinção que ajuda-nos a matizar a compreensão de nossa herança colonial. Ele distingue entre *sistema colonial* (uma totalidade articulada objetivamente, que convida olhar a colonização movida pelo simples intuito de estender a civilização européia na forma de um empreendimento total econômico — religioso, empreendimento homogeneizador por excelência) e *condição colonial* (que atinge experiências mais difusas do que as regularidades da produção do mercado).

5 Cf. K. MAXWEL, Por que o Brasil é diferente? Em O ESTADO DE SÃO PAULO, CADERNO CULTURA, 23 de julho de 2000, p. 8 (D).

6 Cf. J. GORENDER, *Brasil em Preto & Branco. O passado escravista que não passou*. São Paulo, Senac, 2000.

Ao falar da condição colonial, toca em modos ou estilos de viver e sobreviver. A condição colonial traz em si as múltiplas formas concretas da existência interpessoal e subjetiva, a memória e o sonho, as marcas do cotidiano no coração e na mente, o modo de nascer, de comer, de morar, de dormir, de amar, de chorar, de cantar, de rezar, de morrer e ser sepultado.⁷

Daí, não ser suficiente falar do Brasil Colônia só pelo prisma do mercantilismo, da troca econômica. Além disso, o Brasil Colônia se constituiu território complementar dos colonizados sob o aspecto psíquico.⁸

O CARÁTER FORMADOR DO OLHAR EUROPEU

A colonização revela-nos que foi o *olhar estrangeiro* que produziu as primeiras interpretações que tinham o Brasil como tema. O Brasil terá servido de terreno para uma expectativa que antecede de muito o começo de sua história — de um paraíso terrestre encontrável no tempo e no espaço. Expectativa modeladora da subjetividade brasileira que se inicia antes de todo o conhecimento, quando é, por hipótese pura representação do desejo de um outro. Nascemos sob o manto da diferença, sob o signo do exotismo.

Entendemos, então, porque nossas imagens identificatórias são predominantemente estéticas (visão paradisíaca, terra mãe), pois têm de se conformar à essa visão exótica.

Mas, o olhar europeu não projeta apenas as suas utopias, projeta também as suas sombras.⁹ Os colonizadores chegaram com a idéia preconcebida do paraíso e do nativo, que os levou a negar a cultura nativa.

Para Gambini, os portugueses projetaram no índio a sombra deles, o lado que eles não conseguiam admitir que tinham: as inferioridades do cristão.¹⁰ Assim, os índios eram o lado oculto dos europeus — eram eles e não os índios os preguiçosos, os que só queriam folgar. Os europeus com sua arrogância enteraram as inúmeras mitologias nativas que narravam a criação do mundo, o casamento do sol com a lua, a origem do fogo roubado do céu, a origem das danças e rituais.¹¹

Essa projeção é reiterada, com relação à população escrava que chega após 1613 para substituir a mão de obra indígena dizimada em parte por uma epidemia de varíola. Na expressão de Gambini e Dias:

*os índios são o objeto da primeira negação. Mas logo em seguida vem a segunda, que é a negação do negro, com a diferença de que ele é a força de trabalho que mais produziu mais valia.*¹²

7 Cf. A. BOSI, *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª edição, 1993, p. 26-27. Bosi pontua: Fala-se naturalmente em *condição humana*, não se diz jamais *sistema humano*. E não por acaso. (p. 26).

8 Cf. R. GAMBINI — L. DIAS., *Outros 500. Uma conversa sobre a Alma Brasileira*. São Paulo, Editora SENAC, 1999, p. 52-54.

9 Sombra é a dimensão da personalidade real de um indivíduo — ou mesmo de um grupo, de uma cultura, de uma religião, de uma nação inteira — que não é reconhecida pelo ego idealizado ou pela visão oficial, que fixa o lado virtuoso, positivo, heróico, benfazejo, coberto de razões, como a única realidade operante... Cf. R. GAMBINI — L. DIAS., *Outros 500*, o. cit. p. 35.

10 Cf. R. GAMBINI, *Espelho índio*. São Paulo, Axis Mundi/Terceiro nome, 2000. O livro ricamente ilustrado traz duas imagens entre outras cedidas pelo bibliófilo José Mindlin muito significativas: a primeira de 1698, retrata uma índia recebendo a iluminação do Espírito Santo por meio da colonização, representada no escudo das armas de Portugal; a segunda, de 1621, coloca caravela portuguesa e missa no dorso de um monstro marinho, representando o poder religioso domando os horrores que o inconsciente colonizador temia encontrar.

11 Para um contato com a mitologia indígena veja-se Curt Nimuendaju UNKEL, *As lendas da criação e destruição do mundo. Como fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1987. Esse texto de Curt Nimuendaju é considerado como fundador da **etnografia Guarani** contemporânea.

12 Cf. R. GAMBINI — L. DIAS., *Outros 500*, o. cit. p. 63.

O desenrolar desse processo gerou na expressão de Otavio Paz: um povo sem alma, sem história, sem identidade, sem memória.¹³

IMPERATIVOS HERMENÊUTICOS PARA SUPERAR O NINGUNEAR (SER NINGUÉM): OTAVIO PAZ REVISÃO PSICOLÓGICA DA HISTÓRIA DO BRASIL

Uma tarefa se impõe, a de resgatar nossa alma ancestral.¹⁴ Entendo por alma a dimensão humana viva, reativa e imprevisivelmente criativa (conceito junguiano). Alma ancestral é negada ao longo da colonização e ainda hoje. Nossa alma ancestral não é a alma cartesiana, pois, lida com extrema habilidade com o corpo e espírito, mundo dos vivos e mundo dos mortos, psique e natureza.

Faz parte dessa tarefa, mitologizar as nossas origens. O mito está presente em cada um de nós, daí a importância de se criar condições para que ele aflore, para que saia das camadas mais profundas do inconsciente, onde foi soterrado

*Os traços deixados foram poucos, porque a civilização tropical não é feita de pedra como a do Peru ou a da península de Yucatán, mas de palha, pena, timbira, taquara, todos materiais perecíveis. Não temos pedras para sustentar nossa história, como os incas e astecas, mas temos mitos, por mais enterrados que estejam na camada profunda da alma brasileira.*¹⁵

Esse resgate, ajudar-nos-á a superar uma percepção essencialista da *alma brasileira*, levando-nos a abandonar a ilusão de uma identidade ou de um caráter nacional fixo no tempo. A identidade de um país, de uma pessoa é construída pelo acúmulo das diferenças e nunca pela repetição dos iguais.

Um modelo de alma brasileira fixo e essencial só pode ser definido em retrospecto, no reconhecimento de um padrão recorrente e no clichê ou na idealização do passado. Definição redutora e empobrecedora.

Se pudermos reencontrar esta dimensão, será possível recuperar nossas raízes étnicas: raízes indígenas, raízes negras e raízes portuguesas. Essas não devem ser desprezadas mas valorizadas.

RAÍZES INDÍGENAS

Para um dos mais importantes historiadores do período colonial, Ronaldo Vainfas:

foram os índios que conquistaram o Brasil para os portugueses, embora não tenham sido os beneficiários da conquista.

13 A expressão de Otavio Paz é: Éramos um povo sem alma, sem história, sem identidade.

14 Cf. R. GAMBINI, *Espelho Índio*. São Paulo, Axis Mundi/Terceiro Nome, 2ª edição, 2000. Gambini afirma: *Essa legitimação do ato de apropriar-se do bem não reconhecido como alheio, que a projeção do Paraíso instituiu na cabeça do invasor, faz com que a alma ancestral se transforme num objeto a ser apropriado ou dispensado* (p. 23).

15 Cf. R. GAMBINI — L. DIAS, *Outros 500. Uma conversa sobre a Alma Brasileira*. São Paulo, Senac, 1999, p. 93.

*Os colonizadores jamais teriam conseguido o que conseguiram, não fosse o apoio que diversos grupos indígenas forneceram.*¹⁶

16 Para maiores informações sobre a história indígena ver o texto básico de M. C. da CUNHA (Org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2ª edição, 1998.

Os grupos indígenas que aqui estavam — cálculos aproximados falam de 6 a 12 milhões de pessoas (séc. XVI) e mais de mil étnias —, pensaram e buscaram soluções para as grandes questões da humanidade: como sobreviver, procriar, organizar a vida grupal, as regras de parentesco; como entender a existência? e como encontrar graça e alegria na vida?¹⁷

17 *A carta de Pero Vaz de Caminha. O descobrimento do Brasil*. Edição de Silvio CASTRO, Porto Alegre, LP&M, 1985. Ver também E. J. de BRITO, *Anima Brasilis. Identidade cultural e experiência religiosa*. São Paulo, Olho D'água, 2000, p. 80. Para uma visão mais ampla da presença dos degredados ver G. PIERONI, *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas. Os degredados do Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

RAÍZES AFRICANAS

Reconhecer nossas raízes africanas começa por conhecer a história da escravidão, por não ignorar o poder do escravo em produzir a sua própria história. A história do escravo é a história da escravidão. Assim, se não é possível aceitar que o cativo tenha tido feições híbridas; se é impensável que o escravo tenha sido co-autor da sociedade em que viveu, então não há como concebê-lo como sujeito da história, concebê-lo como homem e mulher.

No entanto, basta abrir as janelas para as ruas para darmos conta de que o passado do qual em parte é fruto o nosso presente teve no negro(a) africano um poderosíssimo artífice. Para quem chegou aqui escravizado(a) para fazer a felicidade das elites brancas, adocicar-lhes a vida com açúcar, encher-lhes as burras de ouro, alimentá-los e vesti-los, o fato de terem se apropriado, por exemplo, da palavra religiosa do cativo não é pouco.

RAÍZES PORTUGUESAS

Nossos primeiros colonizadores foram homens e mulheres dos estratos mais humildes da população portuguesa, a começar pelos dois degredados. Segundo Caminha, eles receberam a missão de coletar informações sobre a natureza e os costumes humanos das novas terras e preparar o terreno religioso para a vinda de missionários.¹⁸

18 Cf. G. GIUCCI, *Sem fé, sem lei ou rei. Brasil 1500-1532*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993, p. 196.

A primeira colonização se deu de forma *acidental*. *A colonização acidental não implica, conseqüentemente, um projeto organizado de modo racional e levado à prática por etapas programadas, e sim a resposta criadora a uma situação a uma situação de necessidades que pouco a pouco desemboca na construção de uma imprevista organização social.*¹⁹ (Grifo nosso)

19 Cf. G. GIUCCI, *Sem fé, sem lei ou rei. Brasil 1500-1532*, o. cit. p. 195.

A historiografia faz referências a degredados, náufragos, expedicionários e desertores que por primeiro ocuparam a terra, se integrando num novo espaço desafiador e conflitivo mas, repleto de novas possibilidades. A *colonização acidental* esteve a cargo de gente simples e criativa que para sobreviver passou por um processo de transculturação

Segundo Giucci:

*À transformação do naufrago em amante de índias e pai de família acrescenta-se a transformação do soldado imperial em combatente tribal.*²⁰

Darcy Ribeiro²¹ com muito propriedade relembra que o primeiro brasileiro é filho de mãe índia e pai branco. Qual é a imagem do português que ficou em nós? Uma imagem muito distorcida. É tempo de superar certo edipianismo em nossa relação com Portugal (Antonio Risério).

Esse resgate ajudar-nos-á a assumir nossa condição mestiça.²² Nosso imperativo de autenticidade é condição para a discussão de nossos problemas individuais e coletivos.

Para isto, faz-se necessário uma ampliação do conceito de mestiçagem. A mestiçagem não é apenas uma questão étnica é também uma certa forma de *instalação social*. Nosso meio social é mestiço, nossa cultura é mestiça.

Cabe aqui uma pontuação: o mestiço não goza de uma identidade preexistente, fruto de uma larga continuidade histórica — retomamos aqui uma idéia já apresentada no primeiro momento —, mas adquire-a e se legitima pelas obras.²³

As configurações identitárias deixam transparecer traços e normas culturais tradicionais sem contudo perder a própria autonomia. Portanto,

*mesmo que uma identidade étnica se expresse através do passado, ela está referida ao estado presente de uma tradição. A cultura é um dos atributos que compõem a identidade mas não é a identidade em si mesma, por isso esses atributos podem mudar sem levar à perda da identidade.*²⁴

CONCLUSÃO: UM EXERCÍCIO DE ESPERANÇA

Esse Seminário Interinstitucional ao convidar-nos para decodificar o DNA da alma brasileira, delegou-nos a tarefa, diria, imodesta e de importância ineludível de *reinterpretar o dilema brasileiro*, de lidar com nossa origem tumultuada, de pensar os modos de subjetivação brasileira e de mapear a história da nossa aspiração à identidade, numa palavra convidou-nos a fazer um exercício de esperança.

20 G. Giucci, *Sem fê, sem lei ou rei*. Brasil 1500-1532. o.cit., p. 195.

21 Comentário de Darcy Ribeiro foi feito em 1995, no Programa da TV Cultura *O povo Brasileiro*.

22 R. Vainfas afirma que a mestiçagem enquanto objeto de investigação de historiadores é muito pouco estudada. Cf. R. VAINFAS, A verdadeira conquista do Brasil. Em *CIÊNCIA HOJE*, 2000, (10), p. 11. Ver também K. MUNANGA, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1999. O livro recupera e atualiza a discussão sobre as singularidades mestiças do país.

23 Cf. U. B. de MACEDO, De que se envergonha o Brasileiro? Em *O ESTADO DE SÃO PAULO-CADERNO CULTURA*, 17 de Junho de 2001, p. 6.

24 Cf. M. de Carvalho SOARES, *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade, escravidão no Rio de Janeiro*, Civilização Brasileira, 2000, p. 116.

A imagem da fusão de raças, aspecto crucial de nossa formação histórica e cultural pode ser nossa imagem final. Para Laura de Mello e Souza: *O Brasil tem um cacife importante para entrar no século 21: o pluriculturalismo que será uma realidade do próximo século.*²⁵

25 Cf. M. F. PERES, *Intolerância e legado colonial*. Em FSP, 20 de março de 2002, p. 9.

Poucas nações podem se gabar de possuí-lo. Sua origem está na mistura entre culturas e etnias tão dispares que plasaram nossa alma e marcaram nossa cultura.

26 Cf. R. GAMBINI, *Espelho índio*. São Paulo, Axis Mundi/Terceiro Nome, 2ª edição, 2001.

Essa imagem foi visualizada por Gambini, na capa de seu bellissimo livro intitulado, *Espelho Índio*.²⁶ A capa traz uma ciranda de índios de mãos dadas em torno da raiz gigante de uma árvore. Para Gambini ela *simboliza o surgimento da nação brasileira, com o tronco negro, branco e índio e a raiz do nosso passado.*

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, A., *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª edição, 1993.
- BRITO, Ê. J. C., *Anima Brasilis. Identidade brasileira e experiência religiosa*. São Paulo, Olho D'água, 2000.
- CUNHA, M. C. (Org.), *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2ª edição, 1998.
- FLORANTINO, M., Olhar o Brasil. Em FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de Janeiro de 2002, p. 3(1).
- GAMBINI, R. — L. DIAS, *Outros 500. Uma conversa sobre a Alma Brasileira*. São Paulo, 1999.
- GAMBINI, R., *Espelho índio*. São Paulo, Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000.
- Genoma*, Em FOLHA DE SÃO PAULO — ESPECIAL, 27 de julho de 2002, p. 4-5.
- GIUCCI, G., *Sem fé, lei ou rei. Brasil 1500-1532*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- GORENDER, J., *Brasil em Preto & Branco. O passado escravista que não passou*. São Paulo, Senac, 2000.
- MACEDO, U. B., De que se envergonha o Brasileiro?. Em O ESTADO DE SÃO PAULO — CADERNO CULTURA, 17 de junho de 2001.
- MAXWEL, K., Por que o Brasil é diferente? Em O ESTADO DE SÃO PAULO — CADERNO CULTURA, DOMINGO, 23 de julho de 2000.
- MUNANGA, K., *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- PERES, M. F., Intolerância é legado colonial. Em FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de março de 2000.

- PIERONI, G., *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas. Os degredados no Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Fundação Biblioteca Nacional, 2000.
- RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.
- SOARES, M. C., *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade, escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- VAINFAS, R., A verdadeira conquista do Brasil. Em CIÊNCIA HOJE, 2000, (10), p. 8-16
- VIANNA, H., *O mistério do Samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editó/Editora UFRJ, 2ª edição, 1995.
- UNKEL, C. N., *As lendas da criação e destruição do mundo. Como fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo. Hucitec/EDUSP, 1987.